

Ecoliteracia e literatura para a infância: quando a relação com o ambiente toma conta dos livros

Ana Margarida Ramos Universidade de Aveiro; CIEC – UM
Rui Ramos Instituto de Educação, CIEC; Universidade do Minho

1. Ecoliteracia

1.1 O lexema *ecoliteracia* manifesta na sua forma de superfície, de modo acessível, parte do seu semantismo: remete para *eco*, ou *oikos*, que significa “casa”, e *literacia*, termo comum no âmbito escolar ou formativo que evoca competências e conhecimentos. O indivíduo possuidor de ecoliteracia, ou literacia ecológica, será aquele que detém competências e conhecimentos acerca da sua “casa”, aqui tomada como o ecossistema planetário.

Mais especificamente, dir-se-á que um indivíduo possuidor de ecoliteracia é capaz de se relacionar com o ecossistema de forma harmoniosa ou, se quisermos usar um termo querido do discurso ecológico, “sustentável”: respeitador das outras existências para além da sua, numa perspetiva de longo prazo, procurando compreender, de forma tão abrangente quanto possível (ou de forma tão *ecológica* quanto possível) os elementos do mundo com os quais interage, assumindo plena responsabilidade de suas atitudes e ações. Portanto, ecoliteracia tem a ver com entendi-

mento do mundo e correspondente posicionamento, tem a ver com conceptualização e pensamento.

A ecoliteracia é a capacidade de os cidadãos desenvolverem um tipo de pensamento favorável à desconstrução do paradigma antropocêntrico que caracteriza as sociedades ocidentais e as suas consequências mais diretas, nomeadamente a conceção do homem como legítimo explorador do meio natural em seu proveito e a da natureza como uma inesgotável fonte de bens ao dispor de todas as necessidades e desejos humanos (o providencialismo). A essa desconstrução corresponde a edificação de uma conceção ecocêntrica, segundo a qual o homem se encontra integrado num sistema biológico complexo, cujo equilíbrio deve constituir uma aspiração individual e coletiva.

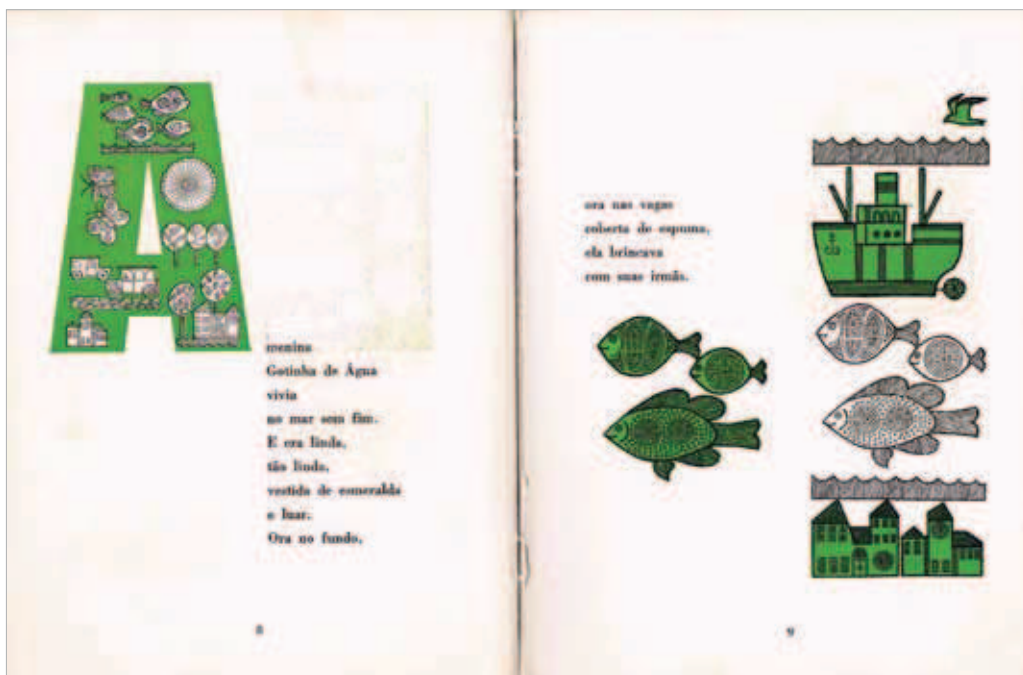
Tal objetivo exige uma definitiva alteração de mentalidades, de valores e de comportamentos, ou um novo estilo de vida. Ora, os estilos de vida desenvolvem-se desde a infância, preparando as crianças

para um tipo de raciocínio não monolítico nem amputado, mas *ecológico*, isto é, capaz de configurar as redes de relações em que cada ato se envolve (Capra, 2002).

Há que sublinhar que possuir ecoliteracia não corresponde simplesmente a possuir um determinado *saber*. Esta é uma realidade dual: por um lado, é, de facto, necessário dominar um conjunto de conhecimentos, nomeadamente o reconhecimento da complexidade do mundo e da intrínseca interligação entre cada gesto de cada indivíduo na rede de relações que a todo o momento de estabelece; por outro lado, é necessário adotar uma certa atitude mental, ou quadro conceptual (Orr, 1992) com os posicionamentos teóricos e os comportamentos práticos correspondentes: um sentido de responsabilidade individual por cada tomada de posição, o reconhecimento do papel de cada ser humano na interação com os outros, humanos ou não, com todos quantos partilham o ambiente próximo ou global (Ramos, A.M. e Ramos, R., 2011).

1.2 Este ponto de partida uniu os esforços dos dois investigadores autores deste texto na consideração das virtualidades da literatura infantil na promoção da ecoliteracia e na indagação aprofundada e sistemática de obras para crianças e jovens com tais valências (cf.: www.ecoliteracia.iec.uminho.pt). Trata-se de um projeto de investigação que prevê a análise discussão fundamentada de obras recentes e, supostamente, acessíveis aos leitores e mediadores de leitura.

Sendo inovador no panorama científico e educativo nacional, não o é, contudo, em absoluto: projetos, investigações e intervenções do mesmo teor foram assumidos e desenvolvidos noutros pontos do mundo, com as naturais cambiantes. Veja-se, por exemplo, a existência de uma “Association for the Study of Literature and Environment”, uma associação norte-americana de professores, escritores, estudantes, artistas e ambientalistas interessados pelas questões da relação entre o homem e o mundo natural e as respetivas representações na língua e na



cultura, como se pode ler na apresentação da sua página na internet⁴. Entre outras atividades, esta associação publica uma revista científica trimestral desde 2009, através da Oxford University Press. Um outro exemplo de iniciativa integrando a mesma questão pode ser identificado no “Center for Ecoliteracy”⁵, que consagra um papel central à promoção do “pensamento sistémico” como fundamental na educação para a sustentabilidade e desenvolve uma multiplicidade de iniciativas com impacto social, em particular na população escolar.

2. Ambiente e literatura para a infância. Notas para uma panorâmica histórica

Entendida, em primeiro lugar, como literatura, isto é, definida em função da sua vertente estética, a literatura para a infância não é alheia, desde a sua génese, à necessidade de se vincular ideologicamente a princípios e valores tidos como relevantes e determinantes para a formação do indivíduo e para a sua relação com os outros e com o meio onde se insere, associados a uma dimensão pedagógica alvo de um tratamento privilegiado por parte de muitos autores. Esta dimensão, sem se reduzir a inculcação de princípios morais, ou códigos de conduta específicos, concretiza-se em objetivos pragmáticos de informação, formação e educação para um conjunto diversificado de valores, entre os quais se encontra a defesa do ambiente: «ao longo da história da literatura infantil portuguesa o ambiente (melhor, a Natureza) esteve quase sempre presente, das formas mais variadas. Histórias com bichos não têm conta. Histórias que falam de lugares, terras, povoações, povos, *habitats*, costumes, tradições, lendas, rios, mares, oce-

anos, florestas, são tantas que quase arriscaríamos dizer que não há livro infantil que, de algum modo, não aborde ou tenha por cenário elementos da Natureza. Quase sempre, também, para levar ao pequeno leitor uma ideia feliz, encantatória, do mundo que o rodeia. Em particular, quando ninguém parecia ainda suspeitar que o Ambiente pudesse vir a precisar de atenções especiais, com vista a preservá-lo de práticas insensatas, destruidoras. É então que a literatura infantil (...) começa a interessar-se pelos problemas ambientais e a introduzi-los nas histórias para crianças» (Barreto, 2002: 36).

A imagem idílica da Natureza intocada e perfeita, uma espécie de éden resgatado, percorre muitos textos escritos a pensar nas crianças, sobretudo aqueles mais marcados pelo apaziguamento.

Nos anos 60, contudo, pela mão de alguns autores oriundos do movimento neorrealista, assiste-se à emergência desta temática em contornos mais próximos dos da atualidade, reforçando o caráter interventivo do Homem e a necessidade da sua proteção. Vejam-se os casos de Alves Redol, Papiniano Carlos, Sidónio Muralha, mas também, posteriormente, de Matilde Rosa Araújo, Ilse Losa ou José Jorge Letria, por exemplo.

O interesse pela questão ambiental decorre, em grande medida, numa primeira fase, do entendimento da Natureza enquanto elemento essencial à qualidade de vida humana, aspeto em que a obra de Alves Redol, mas também Sidónio Muralha e Papiniano Carlos, se mostrou precursora. Nesta linha de leitura, veja-se o caso de *A vida mágica da sementinha* (1956), uma pequena novela sobre o ciclo de vida do trigo, mas também uma lição de vida sobre a justiça social. Texto clássico da literatura portuguesa para a infância, a parábola sobre o trigo, da autoria de Alves Redol, constitui uma referência obrigatória pela

4 <http://www.aslc.org>

5 <http://www.ecoliteracy.org>. Esta iniciativa assume um foco muito mais abrangente do que o projeto de investigação descrito neste texto.

forma como o autor, num discurso aparentemente simples e acessível, cruza uma multiplicidade de temas e apela a uma distribuição mais justa da riqueza. A pequena sementinha que protagoniza a narrativa, tal qual uma heroína de um conto de fadas, vive muitas aventuras até se transformar em planta e, novamente, em grão, completando um ciclo vital de extrema importância para o Homem que dela depende. É também o carácter cíclico dos elementos naturais, neste caso a água, que domina a narrativa versificada *A Menina Gotinha de Água* (1962), de Papiniano Carlos. O texto recria, de forma acessível, a importância deste elemento na vida humana e não vê a sua leitura esgotada nesta vertente mais pedagógica e o texto, pela multiplicidade de ambientes, de paisagens e personagens retratadas, pode também ser lido enquanto ode à Liberdade e à Igualdade que a distribuição equitativa da água, como bem universal, simboliza.

As questões ambientais, presentes nos autores neorrealistas, tornam-se centrais em Sidónio Muralha, como demonstrou João Manuel Ribeiro (2010), cabendo-lhe a sua introdução na literatura infantil portuguesa. O autor, conhecedor (e admirador) da “Declaração de Estocolmo”, toma-a como mote poético de muitos dos seus textos, tanto em prosa como em verso. A prová-lo, lembre-se a atribuição, em 1976, do Prémio “Meio Ambiente na Literatura Infantil”, com o livro *Valéria e a Vida* (1976), mas também textos como alguns dos contos de *Sete cavalos na berlinda* (1977), *Voá pássaro, voa* (1978), *Terra e Mar Vistos do Ar* (1981). *Helena e a Cotovia* (1979), um dos mais emblemáticos textos de Sidónio Muralha, reforça a sugestão ambiental de outros volumes, associando a liberdade das aves – o eixo da narrativa tem a ver com a libertação de uma cotovia – ao equilíbrio natural, resultante do respeito pela natureza e pelos ecossistemas. A sucessão de aves que vem agradecer a Helena o seu gesto é ilustrativa da variedade e da riqueza das espécies, mas também da necessidade de conhecimento da realidade envolvente.



Esta assiduidade no tratamento sistemático da questão ambiental confirma o pioneirismo do autor, uma vez que só duas décadas mais tarde o tema ganhará consistência e relevo no universo da LIJ portuguesa, sendo transversal a um conjunto significativo de autores.

No ano de 1975 (e tendo vigorado até à década de 90, vejam-se as portarias n.º 426/85, de 5 de Julho e n.º 7/90, de 8 de Janeiro) foi instituído, pela então Secretaria de Estado do Ambiente, o prémio ‘O Ambiente na Literatura Infantil’, destinado a distinguir trabalhos relacionados com problemas do Ambiente e dirigidos a crianças e jovens. Foi entregue entre 1976 e 1991, com algumas interrupções por falta de qualidade das obras apresentadas em concurso. O regulamento foi alterado em 1978, permitindo a admissão de trabalho inéditos. Este prémio distingue-se pelo facto de revelar, desde muito cedo, uma preocupação ambiental, antecipando a relevância de um tema que viria a consolidar-se posteriormente. As obras premiadas, da autoria de escritores relevantes do panorama editorial português, como José Jorge Letria, Maria Alberta Menéres, Natércia Rocha ou Carlos Correia, constituem, por si só, um indicador interessante da representatividade do tema no uni-

verso literário. Algumas das obras galardoadas figuram ainda hoje como referências da recriação literária da preocupação ecológica, como acontece com *Valéria e a Vida* (1976), de Sidónio Muralha, *O Grande Continente Azul* (1985) e *Uma Viagem no Verde* (1987), de José Jorge Letria, ou *O Sapo Francisquinho*, de Clara Pinto Correia, ainda que algumas delas marcadas por uma certa ingenuidade no tratamento do tema. Outros autores que integram a lista de vencedores são Carlos Correia, Maria Alberta Menéres e Natércia Rocha.

Obra distinguida com o Prémio “O Ambiente na Literatura Infantil” em 1983, *O Grande Continente Azul* (1985), de José Jorge Letria, é uma narrativa poética que, em discurso de primeira pessoa, dá voz ao mar. O texto recria todas as características do universo marinho, dando conta da sua importância no equilíbrio da Natureza e também na vida humana, enumerando todas as suas qualidades. Apelando a uma atitude ecologicamente saudável e sustentável, no texto ecoam ainda as consequências do não respeito pelo universo marinho e pelos seus habitantes, ainda que a sua origem não seja explícita. Em *Uma Viagem no Verde* (1987), os atentados à natureza e ao seu equilíbrio estão presentes, mas não é aclarada a participação humana nessas ações nefastas. Ambos os textos, claramente próximos dos objetivos do concurso, são mais manifestos poéticos de defesa ambiental do que recriações concretas das consequências da intervenção humana no meio natural, não deixando clara, através do apagamento da agência, essa implicação nociva.

Clara Pinto Correia, por exemplo, recorre à sua formação científica em dois volumes destinados ao público infantil, nos quais é evidente a subordinação da dimensão ficcional à factual, sem que isso abale a estrutura da narrativa e comunicabilidade com os pequenos leitores. Em *O Sapo Francisquinho* (1986), acompanhamos o nascimento e crescimento de um sapinho, assim como a vida das diferentes espécies

que com ele partilham o *habitat*, concluindo acerca da riqueza e variedade natural de um ecossistema específico, muito próximo e concreto. Já em *A Ilha dos Pássaros Doidos* (1994), a mensagem é clara e diretamente ligada à promoção do ambiente e à sua conservação, explicitando concretamente as consequências da ação negativa dos homens sobre a extinção de várias espécies animais e educando para a preservação do ambiente.

3. Representação contemporânea da natureza na LIJ. A conceção em rede.

Nos últimos anos, a preocupação ambiental conheceu uma atenção particular por parte dos autores e de alguns projetos editoriais específicos, dando voz a uma nova imagem dos elementos naturais enquanto “coisas” e estados de “coisas” (todos os elementos integrantes do ecossistema planetário) com o qual o Homem partilha o planeta, necessitando de encontrar um equilíbrio que não faça perigar a existência mútua.

Veja-se, por exemplo, pela centralidade que a questão ocupa na obra da autora, o álbum poético *O Mar* (2008), de Luísa Ducla Soares. Num único poema, o sujeito poético apresenta uma visão dual do universo marítimo, destacando, por um lado, aquilo que é valorizado pelo olhar humano ou que lhe confere um papel ecológico importante, como a beleza, a riqueza ou a diversidade que lhe são reconhecidas, e, por outro lado, sublinhando uma outra faceta daquele elemento natural, fortemente disfórica, que resulta da ação destrutiva do Homem. A interrogação final e a ausência aparente de tomada de posição do sujeito poético sugerem um apelo ao leitor para que escolha – e atue em conformidade – qual das faces do mar prefere, não apagando que é da responsabilidade humana a destruição daquele elemento natural.

Pela quantidade e qualidade de livros editados, merece especial destaque a produção da editora Planeta Tangerina. Integram o catálogo um conjunto significativo de volumes onde as questões ambientais estão presentes e são alvo de tratamento cuidado, sobretudo porque surgem enquadradas com a realidade contemporânea, dando a ver as consequências concretas na vida das pessoas dos comportamentos dilapidadores. A conceção da vida como uma rede de múltiplas e biunívocas conexões, onde os efeitos dos atentados ambientais causados pelo Homem recaem, em última instância, sobre ele próprio, permitindo concluir, sem moralismos fáceis, acerca dos comportamentos a adotar com vista a preservar a Natureza e, também, a assegurar a sobrevivência e existência da própria espécie humana, está presente em alguns álbuns da autoria de Isabel Minhós Martins e ilustrações de Bernardo Carvalho ou Madalena Matoso. Em *A Grande Invasão* (2007), é construída, com recurso à ironia, uma parábola de um símbolo máximo do progresso da humanidade, o automóvel. Convertidos em extraterrestres com um maquiavélico plano para dominar o mundo, os automóveis são acusados de querer “acabar connosco”, visto que, “por causa deles, o planeta está a aquecer e os seres vivos... quase a sufocar”. Aquilo que em tempos terá sido natural à condição humana – caminhar – é agora dificultado pelos carros e, como essa prática foi abandonada, os seres humanos estão a ficar “pesados, rabugentos... e doentes”. Impõe-se, portanto, uma nova consciência de algumas práticas quotidianas e a adoção de hábitos mais saudáveis e congruentes com a condição humana.

Mas o melhor exemplo talvez seja, para além dos dois álbuns sem texto de Bernardo Carvalho, *Um dia na praia* (2009), e *Praia-Mar* (2011), a curiosa trilogia intitulada “Histórias paralelas”, formada pelos volu-

mes *As Duas Estradas* (2009), *Trocoscópio* (2010) e *O Livro dos Quintais* (2010). Em cada um deles, e de forma diferente e original, é realizado um apelo implícito para uma relação mais próxima com o espaço natural que nos envolve, tanto em contexto rural como em contexto urbano. A fruição da natureza e a interação com o meio distinguem claramente os dois percursos realizados pela família em *As Duas Estradas* (2009), opondo a velocidade e a rapidez à tranquilidade e ao gozo do espaço e também dos outros. É essa perspetiva que norteia igualmente *O Livro dos Quintais* (2010), já que é esse espaço, assumidamente contido e delimitado, que surge como uma extensão das personagens, simbolizando a sua relação com a Natureza e com os vizinhos que as rodeiam. A dialética rural *versus* urbano também estrutura o volume *Trocoscópio* (2010), um álbum sem palavras que explora o jogo com as formas para sugerir que está na decisão humana a efetiva mudança de atitudes em relação à Natureza e à sua proteção. Aliás, este tema parece especialmente caro a Bernardo Carvalho, que o desenvolve, em contexto marítimo de imediato reconhecimento pelos leitores preferenciais – a praia – em mais dois volumes. O apelo à defesa da praia, em *Um dia na praia*⁶ (2009), ou a descrição de múltiplas formas de fruição do mar e da zona envolvente, em *Praia-mar* (2011) são sintomáticos de uma relação próxima com a natureza que é recriada enquanto sistema vivo, ativo e em constante evolução, capaz de proporcionar ao homem, além de tudo o mais, satisfação, enriquecimento, divertimento e comunhão.

Sem surgir no centro temático das publicações, a consciência ecológica pontua dois dos melhores livros para crianças/adolescentes publicados em 2012, *Como Tu*, de Ana Luísa Amaral, com ilustrações de Elsa Navarro, e *O Livro das Pequenas Coisas*, de João Pedro Mésseder, com ilustrações de Rachel Caiano.

6 Para uma análise mais detalhada deste álbum à luz do conceito de ecoliteracia, ver Ramos & Ramos (2011).

No primeiro, um volume poético que reflete sobre o crescimento, o amadurecimento e a construção da identidade pessoal num mundo em mudança, o desenvolvimento da criança é recriado como uma mudança lenta, gradual e progressiva, que segue uma ordem lógica e um ritmo próprios, tão antigos quanto a existência. A analogia com o desenvolvimento das espécies naturais aproxima o homem da natureza, conduzindo-o a esse útero comum de onde nascem todos os seres vivos. É nesta linha que o livro mais se aproxima, implicitamente, é claro, de uma visão ecológica do mundo, defendendo uma existência em rede, onde todas as ações têm consequências na vida dos outros, incluindo todas as espécies vivas existentes. A defesa do valor do equilíbrio não se restringe ao domínio natural, mas a todas as facetas da existência, sobretudo quando combinado com a ideia de respeito pelos ritmos naturais, das pessoas e das plantas, valorizando a espera.

João Pedro Mésseder recorre ao elemento natural, na esteira de outras publicações como *O Guardador de Árvores*, como tópico de sugestão para reflexões mais complexas, como a recusa de uma visão antropocêntrica e utilitarista da Natureza em favor de uma ecocêntrica. O poema Cato é, a este respeito, particularmente explícito, uma vez que é na simples mudança de agência entre o penúltimo e o último verso que reside toda a força do poema, obrigando a refletir sobre a relação do homem com o ambiente:

«Cato
 Como tudo o que cresce da terra
 o cato é bom e tranquilo.
 Não é ele que te pica,
 mas tu que nele te picas.»



4. Conclusões

Deste estudo circunscrito e do projeto desenvolvido ficaram de fora os livros “documentário” ou as publicações de divulgação científica, uma vez que se procura analisar a forma como a literatura trata a questão ambiental, colaborando para a construção de uma consciência ecológica e da ecoliteracia. O mesmo acontece com as publicações que, aparentemente literárias, ou sob essa capa, subordinam a componente estética à didática, funcionando como instrumentos explicitamente ao serviço de uma moral, conduta ou comportamento, com duvidosos efeitos concretos. A instrumentalização de muitos textos literários, incluindo alguns excertos de obras analisadas, decorre da realização de leituras unívocas e interpretações lineares, nomeadamente aquando da sua integração lacunar em manuais escolares ou alvo de trabalho pedagógico.

Ficou sucintamente apontada a evolução que a temática sofreu ao longo das últimas décadas, sendo possível hoje encontrar obras que problematizam a

questão da interação entre o homem e o ambiente local e global de forma bem mais profunda e complexa do que no passado, sem deixar de se dirigirem, de modo acessível e lúdico, a jovens leitores. Reveste-se de particular importância a configuração dos ciclos de vida, seja de humanos, seja de quaisquer outros seres vivos e até de outros elementos naturais. Este assunto encontra-se inserido no âmbito mais alargado da promoção do pensamento crítico e sistémico, privilegiando as relações e não os fenómenos isolados, os processos e não somente os resultados, o todo e não só as partes (Capra, 2002).

Através das obras de literatura para a infância e a juventude, oferece-se um contacto com o ambiente natural mediado pela imaginação. Tal mediação é particularmente relevante, seja para dar sentido à realidade efetivamente vivida ou testemunhada, seja para tornar próxima e palpável uma realidade afastada da perceção individual concreta. Imbrica nesta consideração o poder modelador da língua e dos discursos como sistemas modelizantes primários (Ramos, 2009), «*forma de vida, pedra angular na / da cognição e nas / das práticas sociais*» (Fonseca, 1998: 7), entendendo-se os textos como práticas e produtos de uma «*ordenação intelectual e (re)criação e avaliação do / de mundo(s)*» (em que se inscreve e intervém o recorte de normas, valores e outras representações sociais), *memória cultural, jogos dialógicos, interação, exercício da influência, experimentação de emoção / afectividade e também de estesia*» (idem, ibidem), capazes de conferir certos sentidos aos dados sensoriais e ao seu processamento cognitivo.

Verifica-se, nos anos mais recentes, a existência de um número significativo de obras que ultrapassam o êxtase abúlico da contemplação da beleza natural para atingir níveis de perceção do mundo (natural e construído) e da sua complexidade de forma aprofundada, abrindo à consideração das causas e consequências, desvelando o que se esconde sob as aparências e rotinas mais óbvias. Estas obras ofere-

cem e desafiam a uma visão crítica da vida contemporânea, apontando dimensões da sua insustentabilidade a prazo, questionando práticas e valores.

Trata-se de obras que encerram o potencial de (ajudar a) criar indivíduos mais conscientes, informados e formados, portanto cidadãos mais plena e conscientemente integrados na praxis social, no seu meio imediato e na *nossa casa comum*. *

Referências bibliográficas:

- BARRETO, António Garcia (2002). *Dicionário de Literatura Infantil Portuguesa*, Porto: Campo das Letras.
- CAPRA, F. (2002): *A teia da vida. Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix.
- FONSECA, J. (1988). Apresentação. In J. Fonseca (org.) *et al.* (1998) *A Organização e o Funcionamento dos Discursos. Estudos sobre o Português*. Tomo III. Porto: Porto Editora, pp. 7-8.
- ORR, David. (1992). *Ecological Literacy: Education and the Transition to a Postmodern World*. Albany: State University of New York Press.
- RAMOS, Ana Margarida & RAMOS, Rui (2011). «Ecoliteracy Through Imagery: A Close Reading of Two Wordless Picture Books». *Children's Literature in Education*, 42:4, pp. 325-339 (DOI 10.1007/s10583-011-9142-3)
- RAMOS, Rui (2009). *O discurso do ambiente na imprensa e na escola. Uma abordagem linguística*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- RIBEIRO, João Manuel (2010). «“Todos os machados do mundo não valem o que é vivo”: o meio ambiente na obra de Sidónio Muralha», *Malasartes [Cadernos de Literatura para a infância e a juventude]*, 20, pp. 42-45.